

## SIMPÓSIO AT006

### POLIDEZ LINGUÍSTICA EM SALA DE AULA: ESTRATÉGIA DE INTERAÇÃO VERBAL EM UMA ESCOLA MILITAR

SANTOS, João Ricardo Fagundes dos  
UPF - Universidade de Passo Fundo (Rio Grande do Sul/Brasil)  
joao.ricardo1995@hotmail.com

**Resumo:** Este trabalho investiga o uso de recursos de polidez linguística em Língua Portuguesa, na interação verbal entre professor e alunos em uma escola militar, examinando a interferência do ambiente escolar militarizado nesse uso. Na perspectiva de Brown & Levinson (1987), e também no suporte de Bakhtin e seu Círculo (1992), entende-se que as questões culturais impostas pelo contexto escolar militarizado mostram-se determinantes na utilização de recursos de polidez linguística. A partir disso, este trabalho tem como objetivo analisar a interferência do contexto sociocultural no uso de recursos de polidez, na interação verbal no Colégio Tiradentes da Brigada Militar - Passo Fundo/RS. A discussão permite afirmar que o uso de recursos de polidez linguística em Língua Portuguesa funciona como uma estratégia de adequação do discurso ao contexto sociocultural da escola militar.

**Palavras-chave:** Interação Verbal; Polidez Linguística; Contexto Sociocultural; Escola Militar.

**Abstract:** This work investigates the use of linguistic politeness resources in Portuguese language, in the verbal interaction between teacher and students in a military school, examining the interference of the militarized school environment in this use. From the perspective of Brown & Levinson (1987), and also from Bakhtin and his Circle (1992), it is understood that the cultural issues imposed by the militarized school context are decisive in the use of linguistic politeness resources. This work aims to analyze the interference of the sociocultural context in the use of politeness resources, in the verbal interaction in the Colégio Tiradentes da Brigada Militar - Passo Fundo/RS. The discussion allows to affirm that the use of linguistic politeness resources in Portuguese language functions as a strategy of adequacy of discourse to the sociocultural context of the military school.

**Keywords:**

Verbal Interaction; Linguistic politeness; Sociocultural Context; Military school.

## **Introdução**

O ser humano é um ser social em constante interação com o outro. Analisar a interação garante um lugar merecido aos elementos sociais, culturais e ideológicos, na produção de sentidos da língua. O trabalho aqui proposto apresenta uma reflexão sobre a interação verbal que ocorre em uma escola militar, delimitando a foco no uso de recursos de polidez linguística. Partindo da premissa de que o discurso é condicionado pelo contexto sociocultural, nosso objetivo com esse trabalho é analisar como o contexto do Colégio Tiradentes da Brigada Militar - Passo Fundo/RS interfere na utilização de recursos de polidez linguística.

Neste artigo, por tratar-se de um recorte, apresentaremos somente algumas reflexões resultantes de um estudo de caso sobre o fenômeno de polidez em um colégio militar gaúcho de Ensino Médio. A discussão abordará um trecho do Manual do Aluno Tiradentes e sua relação dialógica com o que é observado na interação entre alunos na escola. A discussão enfatiza que os alunos utilizam os recursos de polidez como estratégia de adequação de seu discurso ao contexto militar, que prescreve um comportamento polido e cortês. Demonstra-se, assim, que o discurso dos alunos é condicionado pelo contexto sociocultural do colégio militar.

### **1. Interação verbal e estratégias de polidez**

No enfoque interacionista de análises linguísticas, percebemos que “o discurso é inteiramente ‘coproduzido’, é o produto de um trabalho colaborativo incessante” (KERBRAT-ORECCHIONI, 2006, p. 11). Para esse trabalho, o princípio básico considerado da interação verbal é a sua relação com o contexto sociocultural. Kerbrat-Orecchioni (2006, p. 26) afirma que o enfoque interacionista olha para os “discursos atualizados em situações de comunicações concretas”. Dessa forma, a análise da situação interacional é o que permite a construção de sentido do discurso produzido, pois essa segue influências das intenções particulares de cada sujeito e também das regras e

convenções de cada contexto. A interação verbal traz elementos da subjetividade dos interactantes, mas essas são condicionadas aos rituais próprios das instituições da sociedade.

Na maioria das vezes, os interactantes usam estratégias linguísticas e não linguísticas, que procuram “possibilitar uma gestão harmoniosa da relação interpessoal” (KERBRAT-ORECCHIONI, 1992, p. 241). Essa intenção é chamada de cortesia, relacionada ao conceito de face, concebida por Goffman (1967) e desenvolvida por Brown e Levinson (1987). Basicamente, face é a autoimagem que alguém tem de si mesmo e que gostaria de manter perante os outros. Para que isso ocorra, o indivíduo faz uso de estratégias que possam proteger sua face e a do outro, mantendo assim a harmonia na interação. Os fenômenos linguísticos que são utilizados com esse objetivo são considerados recursos de polidez linguística.

Muitas expressões são consideradas recursos de polidez em determinados contextos socioculturais, pois servem para atenuar ou suavizar atos ameaçadores, pois “a polidez é um conjunto de procedimentos que o falante utiliza para poupar ou valorizar seu parceiro de interação” (KERBRAT-ORECCHIONI, 2006, p. 94). Os recursos verbais têm o objetivo de suavizar o ato, mas não podemos classificá-los rigidamente, mesmo expressões que são culturalmente relacionadas à polidez, pois o que define a polidez é a “noção de adequação, que permite descrevê-la em termos de fazer o que socialmente é aceitável.” (SILVA, 2006, p. 118).

Isso nos faz concluir que o uso dos recursos de polidez pelos falantes é determinado pela interação e seu contexto. Quando pensamos sobre as influências do contexto social nas escolhas dos falantes, ressaltamos a importância da “preocupação com a vinculação situacional e, em consequência, com o caráter pragmático da conversação e de toda a atividade linguística diária.” (MARCUSCHI, 2003, p. 8). Usar ou não estratégias discursivas polidas depende do contexto social e cultural em que cada interação acontece. Dessa forma, é possível afirmar que o uso de recursos de polidez está intrinsecamente relacionado à adequação do discurso desses

indivíduos na sua realidade social. Para entender melhor essa relação entre língua e realidade social, apresentamos as concepções do Círculo de Bakhtin na próxima seção.

## **2. Interação dialógica: fenômeno social da linguagem**

Toda a vida da linguagem está impregnada de relações dialógicas, ultrapassando os limites da linguística e avaliando os elementos extralinguísticos constitutivos do dizer. Leva-se em conta o material linguístico e também o ponto de vista histórico, cultural e social. Bakhtin e Volochínov (2011, p. 125) explicam que “O centro organizador de toda enunciação, de toda expressão, não é interior, mas exterior: está situado no meio social que envolve o indivíduo”. Dessa forma, percebe-se que “para o locutor o que importa é aquilo que permite que a forma linguística figure num dado contexto” (BAKHTIN; VOLOSHINOV, 2011, p. 96). Analisar o discurso desde seu contexto específico de interação até o grande horizonte social e histórico que o engendra é analisar a língua em seu meio social.

Essas considerações confirmam que a interação verbal “constitui assim a realidade fundamental da língua.” (BAKHTIN; VOLOSHINOV, 2011, p. 127). A interação é o que dá concretude ao ato de dizer, com sujeitos reais, situados socialmente, em um evento único e impossível de se repetir. O sujeito, no discurso, mostra marcas de suas experiências em sociedade. Sobral (2009, p. 44) afirma que a interação é condicionada pela situação social e histórica, o discurso é condicionado pelo contexto, ele alcança a plenitude do sentido quando relacionado à arena de ideologia e às forças sociais.

A palavra varia conforme o interlocutor e o seu contexto, se esse for “uma pessoa do mesmo grupo social ou não, se esta for inferior ou superior na hierarquia social [...]” (BAKHTIN; VOLOCHINOV, 2011, p. 271). Com essa concepção, é possível perceber o sentido do discurso advindo da situação social. E é nesse raciocínio que passamos para a análise das relações

dialógicas entre a realidade social e o uso de recursos de polidez linguística em uma escola militar.

### **3. O contexto social e o uso de recursos de polidez: relações dialógicas.**

As escolas militares são conhecidas pela cobrança rígida do cumprimento das regras, no comportamento disciplinar e linguístico. Em alguns casos, o regimento da escola regulariza e delimita essas regras em manuais. A escola aqui apresentada, o Colégio Tiradentes da Brigada Militar – Passo Fundo, oferece aos seus alunos o Manual do Aluno dos Colégios Tiradentes da Brigada Militar (CTBM), protocolado no Anexo “A” da Portaria Nº 535/EMBM/2012, que contém informações sobre a escola e também elementos necessários para que sejam conhecidas as normas e as orientações que regem as atividades que lá acontecem.

Para a discussão proposta nesse trabalho, trazemos o item número 4, dos Deveres dos Alunos do CTBM, que diz: “Empregar o tratamento de “senhoria” sempre que se dirigir ao Corpo Docente, Funcionários Cíveis e Militares Estaduais e, também, aos alunos das séries hierarquicamente superiores.” (RIO GRANDE DO SUL, 2012).

Os pronomes de tratamento são tradicionais quando nos referimos a marcas linguísticas que evocam a polidez linguística. O “tu/você” não são considerados marcas polidas, a depender da cultura. Dessa forma, tendem a serem substituídos por outros referentes, tais como as formas de tratamento “senhor(a)”. Na visão de Kerbrat-Orecchioni (2006, p. 86), os pronomes de tratamento são considerados atenuadores da brutalidade do tratamento, reiterando a ideia de que funcionam como marcas linguísticas de polidez. Dessa forma, tratar alguém por senhor e senhora, na nossa cultura, mostra certo grau de respeito, uma preocupação com a preservação de face e com a conjectura harmoniosa da interação. Afinal, “A polidez é a manifestação, através da fala, de respeito, em relação à face do outro.” (Wolfson, 1989, p.67).

Inicialmente, a imposição do uso desse recurso demonstra o valor dado pela escola ao respeito e à harmonia interacional.

Porém, em uma análise dialógica mais profunda da norma, percebemos que o uso do tratamento de “senhoria” não é somente uma estratégia de polidez linguística com a preocupação pelo outro, para preservar a face do outro. A regra especifica o uso dessas marcas quando dirigidas ao Corpo Docente, Funcionários Cíveis e Militares Estaduais e, também, aos alunos das séries hierarquicamente superiores. Essa delimitação demonstra que o uso do tratamento de senhoria ganha um novo valor no contexto social da escola militar. Podemos afirmar que “Isso implica inscrever a polidez dentro de um marco bem mais amplo da interação social, isto é, como uma norma externa ao comportamento linguístico, mas interagindo com ele.” (SILVA, 2006, p. 118). Ao invés de servir apenas como um atenuador, ele é um marcador de ordenação de autoridade, mostrando a hierarquia escolar dentro da escola.

A realidade social condiciona o discurso dos alunos, fazendo com que usem determinadas estratégias de polidez linguísticas para se integrarem àquele contexto social. Nas interações cotidianas dentro da escola, isso fica muito marcado. Os alunos referem-se aos professores por “senhor(a)” e quando dirigem-se aos colegas de séries superiores, no pátio ou em outras atividades, o mesmo acontece. O tratamento de senhoria, no Colégio Tiradentes, não é usado pelos alunos porque eles sentem a necessidade de atenuação e de preservação de face na interação, mas porque há a necessidade de marcar a hierarquia e o respeito aos superiores. E como o uso não é facultativo, ou seja, todos os alunos devem usar esses recursos linguísticos toda vez que se dirigirem a alguém de ordem superior à sua, a noção de polidez enfraquece, e o que prevalece é a necessidade de adequação do discurso ao contexto social que o engendra.

Como afirma Alves (1994, p.60), a polidez deixa de ser um instrumento na comunicação e ganha um caráter de “estratégia social”, tornando-se eficaz para a adequação do discurso ao contexto social militar, que requer respeito ao princípio de hierarquia e de ordenação de autoridade dentro do colégio. Além



disso, o tratamento de senhoria na escola não é um fato significativo isolado. Outras atitudes, não linguísticas, produzem o mesmo efeito de adequação à realidade social militar. Como, por exemplo, a necessidade de saudar com continência todos os superiores hierárquicos, conforme regra número 3 dos Deveres do Aluno do CTBM. Assim como chamar por “senhor” e “senhora” todos os superiores é uma atitude imposta pela realidade social militar, a saudação também demonstra uma adaptação do comportamento conforme as forças sociais do contexto de interação.

#### **4. Considerações finais**

A interação é constitutiva da sociedade. A demonstração e análise das estratégias de interação verbal, no Colégio Tiradentes da Brigada Militar - Passo Fundo/RS, permite mostrar o caráter social e comunicativo da linguagem verbal, a língua como um objeto vivo. A utilização de recursos de polidez linguística, conforme percebido na análise, ganha novos sentidos quando posta ao lado das influências socioculturais as quais ela é submetida.

A discussão aqui proposta resulta na verificação da relação dialógica entre o uso dos recursos de polidez e as orientações e normas dos colégios militares, demonstrando que o discurso dos alunos é condicionado pelo contexto sociocultural do colégio militar. A importância dada à hierarquia, no colégio, faz com que os alunos adaptem seu discurso e os impõe o uso de recursos linguísticos considerados polidos, demonstrando a necessidade de adequação do discurso ao contexto social que o engendra. Dessa forma, a análise contribui para confirmar a premissa teórica aqui abordada, de que o discurso reflete e refrata uma realidade social, não podendo ser visto fora de sua natureza social.

#### **Referências**



ALVES, A. M. **O discurso da polidez**: um estudo pragmático da aprendizagem do espanhol como L2. Dissertação de Mestrado. Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 1994.

BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. Trad. Paulo Bezerra. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

BAKHTIN, M.; VOLOCHINOV, V. **Marxismo e filosofia da linguagem**. São Paulo: Hucitec, 2011.

BROWN, P.; LEVINSON, S. **Politeness**: some universals in language usage. Cambridge: Cambridge University Press, 1987.

GOFFMAN, E. **Interaction Ritual**: essays on face-to-face behavior. UK: Penguin University Books, 1967.

KERBRAT-ORECCHIONI, C. **Análise da Conversação**. Tradução de Carlos Piovezani Filho. São Paulo: Parábola, 2006.

KERBRAT-ORECCHIONI, C. **Les interactions verbales (II)**. Paris: Armand Colin; 1992.

MARCUSCHI, L. **Análise da Conversação**. São Paulo: Ática; 2003.

RIO GRANDE DO SUL. **Portaria nº 535/EMBM/2012**. Manual do Aluno e Institui o Regulamento de Uniformes, Insígnias, Distintivo e Apresentação Pessoal dos Colégios Tiradentes da Brigada Militar (RUAP/CTBM) e o Regulamento Disciplinar dos Colégios Tiradentes da Brigada Militar (RD/CTBM). 13 de dezembro de 2012.

SILVA, L. A. Polidez na interação professor/aluno. In: PRETI, D. (Org.). **Estudos de língua falada**: variações e confrontos. São Paulo: Humanitas, 2006.

SOBRAL, A. Dialogismo e interação. In: \_\_\_\_\_. **Do dialogismo ao gênero**: as bases do pensamento do círculo de Bakhtin. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2009, p. 21-46.

WOLFSON, N. **Perspectives, Sociolinguistics and TESOL**. New York: Newbury House Publishers, 1989.